

SUMÁRIO

Prefácio	9
Apresentação do autor	12

I • UM OLHAR SOBRE O BEBÊ

Os caminhos do corpo	18
A qualidade do desenvolvimento	20
O contexto histórico.	21
Um cérebro a mil por hora.	25
Em busca de integração	28
A herança genética e a experiência	29
O papel da estimulação	31

II • O MOVIMENTO

O papel do movimento.	35
A sensação do próprio corpo	37
Os primeiros movimentos no útero	38
O movimento do nascimento	41
Quando o bebê começa a controlar os próprios movimentos	46
As primeiras escolhas	48
A noção de permanência	49
Os sentidos	51
Os sentidos e a relação com a mãe	58
O bebê e o mundo: a exploração motora	61
Os primeiros passos com apoios: o andar	81
A antecipação das descobertas	87
A relação com os objetos e a relação com as pessoas.	88

Andar, falar e pensar.	96
Algumas considerações sobre a rotina.	99

III • O BEM-ESTAR DO BEBÊ

Bem-estar e mal-estar: um incessante movimento de reequilíbrio	103
As escalas de avaliação de bem-estar do bebê	106
As posições de bem-estar e mal-estar	107
A torção	111
O toque de boas-vindas!.	113
Como levantar o bebê apoiado na ação dos músculos anteriores do tronco	119

IV • GESTOS DE CUIDADO

A hora de mimar (texto de Godelieve Denys-Struyf).	124
O colo	126
O banho.	132
A mamada	137
O sono	141

V • AS LINGUAGENS DO CORPO

Um alfabeto com seis “letras”	146
---	-----

Considerações finais	160
---------------------------------------	------------

Posfácio (texto de Godelieve Denys-Struyf)	163
---	------------

Bibliografia	165
-------------------------------	------------

PREFÁCIO

O CORPO FALA?

O LIVRO DE ANDRÉ TRINDADE chega às livrarias a fim de socializar anos de experiências, vivências, pesquisas e observações decorrentes da crença de que o gesto humano tem um sentido, uma intencionalidade, que precisa ser traduzido e compreendido por adultos que convivem com bebês e crianças, para seu pleno bem-estar.

A obra reflete o trabalho desenvolvido pelo autor, tanto em creches e escolas, particulares e públicas, quanto em consultório e em entidades assistenciais, o que amplia a abordagem do livro e atende às necessidades de pais, professores e cuidadores de bebês e crianças do nascimento aos 3 anos. A leitura prioriza o desenvolvimento motor e mental nessa faixa etária, sem o uso de tabelas e gráficos convencionais, mostrando que é possível um outro enfoque: o da relação afetiva, que constrói vínculos capazes de proporcionar ao bebê um crescimento saudável, respeitando seu ritmo pessoal de desenvolvimento.

Em uma linguagem objetiva, de fácil compreensão e com muitos exemplos, o autor mostra ao público que é possível equilibrar essa relação, na qual adultos e crianças interagem e aprendem a se escutar, olhar-se, sentir o que o outro tem a expressar e a comunicar na linguagem corporal. Essa construção é feita no contato dos corpos, dos olhos, da pele, da espera afetiva de “um tempo” para que o adulto cuidador possa se sintonizar com as necessidades, os desejos e as faltas do bebê – caminhos amorosos de aprendizagens.

Como educadora e pesquisadora da infância, conheci o trabalho de André Trindade em 1996, o que me causou grande impacto pela sensibilidade de seu olhar afetivo sobre o corpo humano, por sua visão de que o corpo é um veículo de expressão e comunicação, por sua presença por inteiro no trabalho com crianças e educadores que acompanhei: corpo e alma em co-

nexão, produzindo conhecimento e autoconhecimento, espelhando a identidade de cada um.

Além da relação afetiva, o mergulho sobre as fases evolutivas do desenvolvimento motor da criança, fruto de seus estudos com Godelieve Denys-Struyf, Marie-Madeleine Béziers e Yva Hunsinger (referências teóricas básicas no livro), mostra que “o corpo fala”. A linguagem do movimento precisa ser compreendida por pais, professores, babás, recreacionistas, assistentes sociais, enfermeiras, pediatras, enfim, por cuidadores da infância.

Ao ler o livro de André Trindade, recordo-me das palavras de **Madalena Freire**: “**Aprender é superar modelos, recriando-os e, ao mesmo tempo, construindo o próprio**”. *Gestos de cuidado, gestos de amor* proporciona aos pais, professores e cuidadores em geral instrumentos básicos para a construção de referenciais pessoais a fim de que lidem com bebês e crianças, favorecendo um desenvolvimento saudável e amoroso.

Vale a pena destacar que o autor aponta a importância do brincar no fortalecimento do vínculo entre o bebê e seu cuidador. O brincar é um caminho genuíno de aprendizagem na primeira infância, capaz de criar situações de encantamento, estranhamento e proximidade de contato entre o adulto e a criança. O livro aborda com originalidade as brincadeiras corporais e a intencionalidade dos gestos como fontes de conhecimento, imaginação e fortalecimento de vínculos afetivos.

O cuidar com afeto e sensibilidade requer uma busca constante de novas reflexões. O livro traz “dicas” a fim de ajudar o adulto responsável pelo bebê a superar suas dificuldades cotidianas e a ampliar seu olhar diante de eventuais sentimentos de “não saber” lidar com determinadas reações do bebê. Muitos exemplos e ilustrações completam o texto, que auxilia o adulto a apresentar o mundo à criança, transformando-se em um cuidador mais sensível.

A leitura atenta das palavras de André Trindade pode se transformar em uma referência básica para todos os que lidam com a primeira infância; um livro de cabeceira que, de fato, trará benefícios à criança, conduzindo a uma vi-

da saudável, na qual corpo e mente possam se conectar em situações de acolhimento, limites e desafios.

O convite à descoberta está feito. Com certeza, o leitor encontrará respostas nas páginas seguintes que muito o ajudarão na desafiadora tarefa de educar e cuidar por inteiro de bebês e crianças de até 3 anos. A presente obra muito tem a contribuir para essa missão.

MARIA ALICE DE REZENDE PROENÇA
*Mestre em Didática pela Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo (Feusp) e historiadora*



APRESENTAÇÃO DO AUTOR

UM POUCO DE HISTÓRIA PARA CONTAR

CONTINUIDADE, COERÊNCIA E PERMANÊNCIA parecem formar a base sólida do desenvolvimento inicial do indivíduo.

No ano de 1989, concluí minha formação no centro de Cadeias Musculares e Articulares G.D.S.¹ em Bruxelas, Bélgica. Ao longo de quatro anos, participei de estágios oferecidos a estrangeiros interessados no método. Nosso grupo era formado por médicos, fisioterapeutas, terapeutas corporais, psicólogos e profissionais de diversas áreas e de vários países. Todos tínhamos em comum o desejo de compreender o movimento humano em sua complexa dimensão mecânica e comportamental.

Encontrávamo-nos três vezes por ano, em estágios que duravam cerca de uma semana cada um. Eu vivia no Brasil, cursava a faculdade de Psicologia e já me interessava pelo trabalho com crianças.

Cada estágio na Bélgica representava um verdadeiro “mergulho” neste tema que se tornou central em minha vida profissional: o conhecimento do corpo e da dimensão expressiva da postura. Antes disso, porém, ao prestar vestibular, eu havia hesitado entre a faculdade de Fisioterapia e a de Psicologia. Sabia que qualquer escolha acadêmica implicaria uma busca por informações complementares para atingir meu objetivo de integrar corpo e mente em um trabalho terapêutico.

Os estágios na Bélgica cumpriram essa função: estudávamos profundamente a ação dos músculos, das articulações, da estrutura óssea e ao mesmo tempo o comportamento expresso por meio dos gestos e das posturas.

1 O método de Cadeias Musculares e Articulares G.D.S. foi concebido e elaborado nos anos 1960 por Godelieve Denys-Struyf. Dentro do quadro da fisioterapia e da psicomotricidade, trata da abordagem corporal com base no estudo das posturas e dos gestos e utiliza diversas técnicas terapêuticas.

Tive sorte de contar com excelentes professores, entre eles Godelieve Denys-Struyf, criadora do método.

Nesse mesmo ano de 1989, o interesse pela psicomotricidade me levou a conhecer Marie-Madeleine Béziers², autora do livro *A coordenação motora*. Iniciou-se uma nova fase de estudos.

Meus encontros com madame Béziers ocorreram em Paris, por doze anos consecutivos, nos meses de janeiro ou fevereiro, quando eu estava em férias das atividades do consultório. Chegava a ficar por um mês em Paris, e a cada dia nos encontrávamos por cerca de duas horas. Iniciávamos nosso estudo diário com uma sessão de trabalho sobre meu próprio corpo, já que seu método se aplica tanto a bebês quanto a crianças e adultos. Ela me deu a oportunidade de ter sua mão e seu olhar orientando meus gestos e minha postura. Em seguida ao tratamento, partíamos para leituras de textos e discussões de vídeos de tratamentos de bebês. Depois de alguns anos, era eu quem levava os vídeos dos tratamentos que realizava no Brasil para nossas discussões. Muitas vezes, Yva Hunsinger, sua irmã e também autora do livro *O bebê e a coordenação motora*, participava de nossas discussões. Embora tenha sido um período de trocas e crescimento profissional, toda vez que eu voltava ao Brasil carregado de informações, sentia falta de poder aplicar tudo que havia aprendido.

Assim, em 1991, decidi oferecer meus serviços a uma instituição pública de amparo à infância na cidade de São Paulo, a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem), unidade Sampaio Viana, hoje extinta.

Por meio do sistema de voluntariado, ingressei no Movimento de Apoio à Integração Social (Mais), organização pioneira em atendimentos voluntários ligada à Febem. Convidei Presciliana Straube de Araújo, fisioterapeuta com

2 O método da coordenação motora foi criado por Suzanne Piret e Marie-Madeleine Béziers entre os anos de 1950, quando iniciaram os estudos sobre a reeducação de escolioses, e 1971, data da publicação do livro *A coordenação motora* na Europa. Trata-se de um estudo profundo do movimento e da organização psicomotora do homem. Desde 1956, as autoras contaram com a colaboração de Yva Hunsinger, que, juntamente com M.-M. Béziers, é autora do livro *O bebê e a coordenação motora*, no qual se baseiam muitos dos conceitos da presente obra.

André Trindade

experiência em atendimentos de crianças com distúrbios neurológicos, para se juntar a mim.

Trabalhamos por quase dois anos, atendendo bebês com os mais variados distúrbios. O que todos tinham em comum era a experiência de descontinuidade, incoerência e impermanência.

Tudo era fragmentado e interrompido na vivência dessas crianças, a começar pela condição de afastamento dos pais, a inconstância ou a impossibilidade de visitá-los. Muitas vezes, as crianças eram afastadas dos pais por conta da instabilidade emocional e mental destes. Os cuidadores, embora tivessem extrema boa vontade, eram poucos e, nas trocas de seus turnos, não chegavam a estabelecer vínculos significativos com as crianças. A criança nunca sabia quem encontraria no próximo turno.

A organização do espaço era caótica. As crianças dormiam cada dia em um berço diferente, vestiam roupas umas das outras, o ambiente era barulhento e a agitação pairava no ar.

Foi um período de muito aprendizado e ao mesmo tempo bastante difícil pelos limites de possibilidades de atuação. O trabalho restringiu-se ao atendimento das necessidades individuais de alguns bebês. Pudemos interferir pouco na organização da rotina das crianças, em seu ambiente e no fortalecimento do vínculo afetivo entre elas e seus cuidadores.

Hoje, colaboro com creches públicas da cidade de São Paulo e estou desenvolvendo projetos de humanização dos cuidados na primeira infância. A situação é diferente daquela que encontrei no passado, pois, nos projetos atuais, tenho como principal objetivo o trabalho com o professor de creche, informando-o e sensibilizando-o sobre muitos dos temas tratados aqui.

Ao longo dos anos, mantive os atendimentos aos bebês em meu consultório particular. Nesses atendimentos, trato das dificuldades encontradas por bebês e suas mães no curso de seu desenvolvimento inicial: dificuldades motoras, de coordenação, de sono, de alimentação, bem como questões li-

gadas ao relacionamento da dupla mãe–bebê, são os temas mais comuns no consultório.

O desenvolvimento da criança se dá em um fluxo natural de evolução e crescimento. Cada conquista no plano físico (sentar, engatinhar, andar, entre outras) corresponde a uma conquista no plano comportamental.

Quando uma interrupção ocorre nesse fluxo, cabe a nós cuidadores procurar entender quais são as necessidades e as dificuldades vividas pela criança. Nosso papel será o de ajudá-la nas difíceis passagens entre uma etapa e outra.

Os procedimentos terapêuticos envolvem invariavelmente a mãe e o bebê.

Por um lado, a intervenção sobre o corpo do bebê se dá por meio da reorganização corporal. O tratamento utiliza-se do toque preciso e de algumas massagens dirigidas sobre a pele para restaurar a coordenação e o movimento saudável da criança.

Em relação à mãe, a ação terapêutica consiste no acolhimento de suas dúvidas e possíveis angústias diante das dificuldades. É preciso transmitir a ela informações capazes de assegurá-la, tranquilizá-la e, ao mesmo tempo, orientá-la nos gestos diários de cuidados com seu bebê.

Freqüentemente, surpreende-me a rapidez com que os problemas se “desconstroem” e a vida retoma seu fluxo natural de evolução, após essas intervenções.

Fora os casos realmente graves, que precisam de acompanhamento prolongado, o trabalho com bebês tem resultado em poucas sessões.

Não se trata de oferecer “soluções milagrosas”, mas o fato é que a força da vida é tão intensa nesse período que a intervenção terapêutica – muitas vezes educativa para os pais – é rapidamente absorvida.

A participação dos adultos, incluindo a mãe, o pai e os cuidadores, é fundamental nesse processo. Ao tomarmos consciência das necessidades e das motivações que envolvem cada criança, temos mais chances de permitir que o fluxo do desenvolvimento se realize, oferecendo a ela um mundo rico em desafios e, simultaneamente, acolhendo-a em seus momentos de dificuldades.

Foi o que me motivou a escrever este livro: orientar pais e cuidadores para os **gestos de cuidado e de amor** capazes de colaborar no desenvolvimento de suas crianças.

Parti de minha experiência clínica para reunir informações que possam ser úteis a pais e cuidadores. Contudo, cada situação vivida pela criança e seus pais é única. As respostas e as soluções para os diferentes problemas serão encontradas dentro do coração do adulto no momento exato da ação.

Criar um bebê é relacionar-se com ele. A espontaneidade faz parte dessa experiência.

Nesse sentido, este livro não pretende ditar regras de relacionamento. A verdade é que **cada um, cada família e cada comunidade têm sua maneira de relacionar-se com seus bebês; contudo, em nossa vida contemporânea, muitas vezes nos encontramos distantes das reais necessidades infantis.** Em vez de tolher ou inibir qualquer gesto de relação, de cuidado e de amor, a intenção aqui é ampliar a consciência sobre esses gestos e promover um repertório mais rico de ações com a criança, bem como a liberdade de escolha para os pais.



I • UM OLHAR SOBRE O BEBÊ

No primeiro bloco, discutiremos o lugar do bebê: um ser único, que participa da vida ao seu redor. Trataremos das descobertas sobre o cérebro, da relação entre herança genética e os potenciais desenvolvidos com base na experiência, do papel da estimulação e do respeito pelo ritmo individual.

